



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Linha de pesquisa:

Geografia, Educação e Cidadania

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA CIDADE PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR:
UMA ANÁLISE NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL CASSIANO RIBEIRO
COUTINHO, SAPÉ-PB**

LÁZARO SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

GUARABIRA-PB

2018

LÁZARO SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA CIDADE PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR:
UMA ANÁLISE NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL CASSIANO RIBEIRO
COUTINHO, SAPÉ-PB**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, enquanto requisito obrigatório para a obtenção do título de **LICENCIADO EM GEOGRAFIA**, desenvolvida sob a orientação do professor Francisco Fábio Dantas da Costa.

GUARABIRA-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237i Santos Júnior, Lázaro Soares dos.

A importância do estudo da cidade para a educação escolar: [manuscrito] : uma análise na Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho, Sapé-PB / Lázaro Soares dos Santos Junior. - 2018.

46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa, Departamento de Geografia - CH."

1. Cidade. 2. Conscientização. 3. Maquetes.

21. ed. CDD 370

LÁZARO SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA CIDADE PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR:
UMA ANÁLISE NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL CASSIANO RIBEIRO
COUTINHO, SAPÉ-PB**

Aprovada em 06 de junho de 2018.

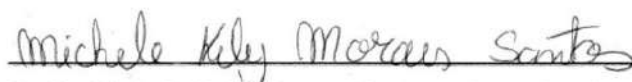
BANCA EXAMINADORA



Prof. Francisco Fábio Dantas da Costa – Orientador

Departamento de Geografia da UEPB

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco



Profa. Michele Kely Moraes Santos – Examinadora

Departamento de Geografia da UEPB

Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba



Prof. Luiz Arthur Pereira Saraiva – Examinador

Departamento de Geografia da UEPB

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco

O Senhor JEOVÁ me deu uma língua erudita, para que eu saiba dizer, a seu tempo, uma boa palavra ao que está cansado. Ele desperta-me todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que ouça como aqueles que aprendem.

Isaiás 50:4

Ao meu Deus, por ter me aberto as portas para estudar e concluir o curso de Geografia, e pela sua real presença em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela rica oportunidade concedida na vida acadêmica, por todos os momentos de conquista no curso e pelos obstáculos superados.

Aos meus pais Lucicleide da Silva Santos e Lázaro Soares dos Santos, como também minha avó materna Maria Emília da Silva, que sempre batalharam por mim durante todo esse tempo, e por todo apoio durante o curso.

Ao meu Pastor Júlio Cesar da Silva Lima, como também a todos os irmãos do ministério que congrego que sempre me apoiaram e foram verdadeiros intercessores.

Ao meu orientador Francisco Fábio Dantas da Costa, por todo apoio, conselhos e momentos de experiências ricas em suas aulas, bem como durante todo o período de orientação.

A Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho, pelo apoio e carinho dos professores e funcionários que me receberam para a realização da presente pesquisa.

Agradeço aos professores da banca examinadora, por terem aceitado o convite para analisar este trabalho, lembrando que as contribuições advindas serão muito importantes para o aprimoramento do mesmo.

Agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram na construção deste trabalho.

Obrigado a todos!

043 – GEOGRAFIA

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA CIDADE PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR:
UMA ANÁLISE NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL CASSIANO RIBEIRO
COUTINHO, SAPÉ-PB**

LINHA DE PESQUISA: Geografia, Educação e Cidadania

AUTOR: LÁZARO SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

ORIENTADOR: PROF. FRANCISCO FÁBIO DANTAS DA COSTA – DG/CH/UEPB

EXAMINADORES:

MICHELE KELLY MORAES SANTOS– DG/CH/UEPB

LUIZ ARTHUR PEREIRA SARAIVA – DG/CH/UEPB

RESUMO:

O objetivo do presente trabalho consistiu em proporcionar um diálogo em sala de aula sobre a importância do ensino da cidade para a educação escolar. A partir do uso de maquetes foi realizada uma ponte entre a experiência vivida pelos alunos e os conteúdos ministrados dentro do 1º ano do ensino médio, com a intenção de despertar a conscientização para os problemas existentes. A Geografia é uma ciência que aborda e estuda as dinâmicas do espaço terrestre, verificando assim os fenômenos que se estabelecem e quais as principais razões para as manifestações dos mesmos. O estudo do meio urbano é uma das áreas da ciência geográfica, e como esta é estudada e aplicada na educação escolar, é de fundamental importância que o alunado construa um pensamento reflexivo sobre a realidade circundante. A pesquisa foi trabalhada como projeto temático e realizada dentro do componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia III, na Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho, localizada no município de Sapé-PB, e todo o procedimento metodológico ocorreu primeiramente através da revisão literária e, em seguida, com a realização das atividades práticas após as aulas expositivas.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Conscientização. Maquetes

043 – GEOGRAPHY

**THE IMPORTANCE OF TEACHING CITY ASPECTS IN SCHOOL EDUCATION:
AN ANALYSIS IN CASSIANO RIBEIRO COUTINHO STATE SCHOOL, IN SAPÉ
CITY, PB.**

RESEARCH LINE: Geography, Education and Citizenship

AUTHOR: LÁZARO SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

ADVISOR: PROF. FRANCISCO FÁBIO DANTAS DA COSTA – DG/CH/UEPB

EXAMINERS:

MICHELE KELY MORAES SANTOS – DG/CH/UEPB

LUIZ ARTHUR PEREIRA SARAIVA – DG/CH/UEPB

ABSTRACT:

This paper aims to come up with a classroom discussion about the importance of teaching city aspects in school education. From the use of models, it was made a connection between students' experiences and the content taught in 9th grade of high school, intending to arise students' consciousness of existent problems. Geography is a science that approaches and studies Earth space dynamics, analyzing by that established phenomena and their main emergence causes. The study of urban areas is part of geographic studies approaches and as long as it is taught and applied in school education, it is fundamentally important to the students to build thoughts concerning to their surrounding reality. This research was developed as a thematic project and applied during the Supervised Practicum in Geography III activities, in Cassiano Ribeiro Coutinho State School, in Sapé city, Paraíba. Also, all methodological procedures were based on literature reviews and then, they were applied on practical activities after lecture-based classes.

KEYWORDS: City. Awareness. Models.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Vista frontal da Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho, Sapé/PB	27
Fotografia 02 – Laboratório de Química	28
Fotografia 03 – Sala dos professores	28
Fotografia 04 - Biblioteca	28
Fotografia 05 – Ministração de aula no período de regência	31
Fotografia 06 – Maquete da igreja católica do bairro de Nova Brasília	32
Fotografia 07 – Grupo elaborador da maquete da igreja católica de Nova Brasília	32
Fotografia 08 – Maquete da Praça Roque Santeiro, Bairro São Francisco	33
Fotografia 09 – Grupo elaborador da maquete da Praça Roque Santeiro	33
Fotografia 10 – Maquete da igreja católica no centro da cidade	34
Fotografia 11 – Grupo elaborador da maquete da igreja católica no centro da cidade	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	15
2.1 Origem e formação das cidades	15
2.2 O processo de urbanização brasileira e suas repercussões sobre a Paraíba e na cidade de Sapé/PB	18
2.3 O estudo da cidade	20
2.4 O ensino da cidade na realidade do aluno	23
2.5 O uso de maquetes no ensino de Geografia	25
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
3.1 Caracterização da escola campo do estágio	27
3.2 Estrutura física	27
3.3 Aspectos pedagógicos	28
3.4 Aspectos administrativos	29
3.5 Regência	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5 REFERÊNCIAS	37
6 APÊNDICE	40
6.1 Apostila elaborada para aulas	40
6.2 Planos de aula	42

1 INTRODUÇÃO

A educação abre oportunidades para se criar habilidades, conhecimentos e valores fundamentais para nossas vidas, sendo assim é uma ferramenta que pode mudar o mundo, e a Geografia no âmbito escolar tem importante papel para que ocorra essa construção, pois esta ciência trabalha de acordo com a realidade do aluno (MANFIO; SEVERO; WOLLMANN, 2013).

Uma grande importância da Geografia também ocorre dentro do processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que através dela o aluno passa a compreender e se situar no mundo onde vive, descortinando a complexidade social e, especialmente, os conflitos que são vividos dentro das cidades (MANFIO; SEVERO, 2014).

Há algumas idéias estudadas que são mais gerais e elementares para o raciocínio geográfico, sendo estruturadoras do arcabouço metodológico dessa ciência. Estamos falando das principais categorias de análise: natureza, lugar, paisagem, região, território, ambiente. Porém, para compor um modo de pensar espacial e para analisar espaços específicos, há outros conceitos que também são relevantes para essa função. Entre eles estão os de cidade, campo, identidade cultural, degradação ambiental, segregação espacial e uma infinidade de outros que compõem a linguagem geográfica (CAVALCANTI, 2008).

Ao trabalhar-se com os espaços específicos o professor pode sobrepor o que se será abordado em sala levando em consideração as realidades vividas de cada aluno, pois desde pequenos somos rodeados pelas rotinas, e inúmeras transformações de onde residimos e nos reproduzimos, sendo cada um de nós participantes dessas modificações.

A cidade enquanto espaço físico onde as pessoas habitam e exercem sua cidadania, deve ser trabalhada e estudada dentro da educação básica para que os alunos reconheçam o espaço onde vivem e tenham a compreensão de sua dinâmica (MANFIO; SEVERO, 2014).

De acordo com Callai, pode-se definir o termo cidade da seguinte forma:

A cidade, como lugar de concentração da população é o espaço, via de regra, onde as relações humanas acontecem de maneira mais acentuada, mais extensa, mais complexa. Pode-se dizer que tudo

que está mais aproximado. Sendo resultado do processo de urbanização, a cidade representa, antes de mais nada, os laços que ligam as várias pessoas que compartilham um mesmo território para morar, para trabalhar, para satisfazer suas necessidades de sobrevivência [...]. Um modo interessante de estudar a cidade é fazer a leitura que cada um tem desse espaço que nos acolhe, nos abriga, mas que impõe regras (CALLAI, 2000, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 127).

Assim, estudar a cidade significa ter a compreensão de como o mundo que vivemos se organiza e se transforma, como o capital age, como as grandes firmas se distribuem sobre ela, como ocorre a produção e o destino do produto, a circulação, a informação e o papel que o Estado assume em uma economia de mercado cada vez mais mundializada, gerando a concentração de riqueza e acentuando o caráter desigual do desenvolvimento do território (OLIVEIRA, 2014).

Porém, a Geografia trabalhada em sala de aula, por ser tida por muitos professores como conteudista, está mais ligada e voltada para que ocorra a preparação de alunos para os concursos, e, muitas vezes, deixa de lado as outras questões presentes no temário da ciência em questão (MANFIO; SEVERO, 2014).

Nos deparamos assim com formas de ensino que acabam não despertando nos alunos o desejo no aprendizado, pois os mesmos muitas vezes são cercados por inúmeros conteúdos distantes de suas realidades e com metodologias de aula centradas apenas no professor como a fonte do saber.

A possibilidade das aulas de Geografia ministradas superarem sua fragilidade enquanto referência dos alunos, consiste em romper com esse distanciamento entre o que se ensina e o que se vive. O desafio então é abolir o formalismo dos conteúdos sem deixar de se orientar pela estrutura conceitual do conhecimento geográfico; dinamizar, tornar vivos os conteúdos sem fragmentá-los em temas pontuais, com discussão rasteira e recheada de exemplos empíricos com apelo ao subjetivismo e emocional, sem munir os alunos da análise ampla do contexto em que se vive (CAVALCANTI, 2011).

Uma das formas de trabalhar o ensino da Geografia de forma mais clara para os alunos é através da utilização de maquetes, pois elas simulam uma forma de representação tridimensional do mesmo, em grande escala cartográfica, e que não distorce a realidade. Seu uso propicia uma identificação do aluno com a realidade demonstrada, tendo em vista o contato com elementos utilizados para representar o espaço de acordo com a sua altimetria (SILVA; MUNIZ, 2012).

A pesquisa em questão foi trabalhada como projeto temático e desenvolvida durante as atividades do componente curricular *Estágio Supervisionado em Geografia III*, em uma turma do ensino médio da Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho. Ela teve como objetivo geral, proporcionar um diálogo durante as aulas de Geografia sobre a importância da educação urbana para cada um de nós, tendo como suporte o uso de maquetes para melhor compreensão desses espaços. Como objetivos específicos, buscou analisar o conhecimento prévio dos alunos sobre a cidade de Sapé e criar uma ponte entre a experiência vivida por eles e o conteúdo ministrado.

O estudo utilizou o método fenomenológico hermenêutico, onde segundo o mesmo, o conhecimento é o resultado entre a interação do sujeito que observa e o sentido que ele fornece à coisa percebida (CARVALHO, et al. 2000).

Para uma melhor compreensão dessa temática, elaboramos algumas hipóteses que serão testadas, a saber:

- O atual ensino da Geografia desenvolvido nas escolas públicas pode contribuir para o pensamento crítico dos alunos sobre a cidade;
- As metodologias trabalhadas a partir do uso de maquetes proporcionam aos alunos um aprendizado espontâneo e enriquecedor;
- Os alunos se sentem motivados com o uso desses recursos.

Para a concretização dessa proposta de trabalho, primeiramente foi realizada a pesquisa de gabinete, onde nessa fase foi feita um amplo levantamento bibliográfico envolvendo temas como *formação das cidades, importância do ensino das cidades e utilização de maquetes no ensino de Geografia*. Nesse sentido, autores como Carlos (2007), Cavalcanti (2008), Sposito (1989), entre outros, foram utilizados. Em seguida foi realizada a pesquisa de campo, sendo feita a observação de uma aula para se conhecer a turma, e assim as demais aulas foram ministradas durante os meses de novembro e dezembro de 2017, oportunidade em que foram utilizadas maquetes construídas pelos próprios alunos a partir das temáticas abordadas.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

O presente capítulo abordará de forma sucinta o processo de formação das cidades ao longo do tempo, destacando a chegada desse fenômeno no Brasil, sobretudo no estado da Paraíba e na cidade de Sapé-PB. Será discutida ainda a importância de se trabalhar o ensino da cidade em sala de aula, utilizando-se de maquetes como um recurso didático, com o intuito proporcionar aos alunos uma aprendizagem acerca de suas realidades.

2.1 ORIGEM E FORMAÇÃO DAS CIDADES

De acordo com Braudel *apud* Carlos (2007), as cidades nasceram através da mais antiga e mais revolucionária das divisões do trabalho: campo de um lado, e atividades urbanas de outro. Essa oposição começa com a passagem da barbárie à civilização, do regime de tribo ao Estado, e da localização pontual e dispersa à nação. Segundo Manfio, Severo e Wollmann (2013), o surgimento das cidades ocorreu acompanhado da evolução da sociedade com o passar dos tempos, estando também ligado ao desenvolvimento de atividades não agrícolas como o artesanato e o comércio.

Existem algumas dificuldades em se precisar o momento certo em que surgiram as primeiras cidades, porém alguns autores unânimes destacam que seu aparecimento ocorreu aproximadamente em 3.500 a.C, na Mesopotâmia (área essa compreendida pelos rios Tigre e Eufrates), tendo surgido posteriormente no vale do rio Nilo em 3.100 a.C, no vale do rio Indo em 2.500 a.C e no rio Amarelo em 1.550 a.C. Essas cidades surgiram em regiões em que predominavam climas áridos, onde houve a necessidade de se fixarem perto dos rios, cuja fonte de água servia para o suprimento doméstico, para a agricultura (aproveitamento de planícies inundáveis, ricas de húmus) e criação de animais. Por fim, os rios funcionavam como rota de transporte através da navegação (SPOSITO, 1989).

De acordo com Carlos (2007), é por volta de 9.000 a.C que o homem caçador transforma-se em pastor e as peregrinações das tribos nômades não eram mais determinadas pelos hábitos dos animais de caça, mas pelos locais de bons pastos. O homem torna-se progressivamente sedentário e abandona a barraca para morar em casas feitas com barro, pedras e palhas, situadas predominantemente em

regiões ribeirinhas com água abundante, pastos perenes e pesca fácil. É aproximadamente em 8.000 a.C que ele aprofunda as suas relações com o meio circundante, ao realizar o aproveitamento da terra para o plantio. Inicia-se, portanto, um rudimentar princípio de organização.

Faber (2011) destaca que o surgimento das primeiras cidades do Crescente fértil não ocorreu de forma homogênea, porém, em cada região elas nasceram dentro de características próprias. É importante se considerar que todas elas surgiram como uma evolução das aldeias tribais que haviam nestas regiões. Essas aldeias se formaram a partir da sedentarização do homem.

O maior exemplo da expansão da urbanização na antiguidade é o Império Romano, por conta de um poder unificado. O poder político desse império possibilitou não apenas que a urbanização deixasse de ser um processo “espontâneo”, onde muitas cidades foram fundadas nas áreas recém-conquistadas para permitir a hegemonia política romana sobre elas, como também permitiu que houvesse uma ampliação imensa da divisão interurbana do trabalho, pois os ofícios exercidos e a produção das maiores cidades do império deixaram de suprir apenas os habitantes de uma cidade e a população rural de seus arredores para suprirem também a população que pertencia a outras áreas do império e os povos bárbaros além fronteira, incentivando, assim, o papel comercial urbano (SPOSITO, 1989).

Enquanto na Antiguidade o comércio impulsionava o crescimento das cidades e produzia um determinado espaço, no Feudalismo era dentro do feudo que se produzia e consumia as próprias mercadorias, em uma economia auto suficiente, sem mercados externos e sem ligação (CARLOS, 2007).

Tomando como base Pirenne, Sposito destaca dois tipos de cidades medievais: os burgos e as cidades episcopais. Os burgos eram pontos fortificados, cercados por muralhas e rodeados de fossos, construídos sob as ordens dos senhores ou príncipes feudais, possuindo como objetivo servir de refúgio a eles e seus servos, no armazenamento de animais e alimentos, em caso de perigo. Abrigavam, geralmente, também a Igreja. Já as cidades episcopais eram centros de administração eclesiástica com papel econômico praticamente nulo, pois o pequeno mercado de abrangência, apesar do local, não poderia se considerar como manifestação do comércio efetivo. Essas cidades subsistiam às custas dos tributos que eram recolhidos nos latifúndios pertencentes ao bispo e abades ali residentes. (MAIA, 1996).

Por volta de 1400, as terras habitadas na Europa Central e Ocidental achavam-se marcadas por uma malha relativamente densa de cidades, onde o comércio e o artesanato eram sua base econômica. Essas cidades eram caracterizadas por instituições que davam proteção legal aos cidadãos, outorgando-lhes a função de pequenos núcleos administrativos. O processo de retomada da urbanização e renascimento das cidades foi possível pela reativação do comércio enquanto atividade econômica urbana (SPOSITO, 1989).

A crise de abastecimento de produtos oriundos do Oriente (Índia, por exemplo), estimulou a expansão colonial que por sua vez foi fundamental para o processo de urbanização, sendo um investimento realizado pelas principais metrópoles europeias. A necessidade de ampliar as condições para o desenvolvimento do capitalismo impulsionou o empreendimento de grandes navegações marítimas. No Brasil, uma área que se desenvolveu bastante no primeiro século foi a da Bahia de todos os Santos, onde em 1549, foi instalada a cidade de Salvador, capital da colônia (ANDRADE, 2004).

Com a intenção de analisar o fato urbano em época mais recente, será realizado um corte temporal de modo a buscar esse entendimento após a Revolução Industrial.

Nesse sentido, a expansão do fato urbano ganhou expressividade com o processo de industrialização na Europa a partir do final do século XVIII, com a migração em massa de pessoas em direção as cidades e a criação de novas atividades econômicas.

A Inglaterra é sem dúvida o país onde melhor analisamos a expansão do processo de urbanização, país esse berço do capitalismo industrial. Antes de 1700, o aumento da população em cada cem anos era de um milhão, porém entre 1700 e 1800 esse aumento foi de três milhões (HUBERMAN, 2008). Friedrich Engels, ao analisar a situação das cidades inglesas constatou a seguinte situação:

Todas as grandes cidades têm um ou vários bairros pobres onde se concentra a classe operária. É certo que muitas vezes a pobreza habita tugúrios escondidos perto dos palácios dos ricos; mas, de uma maneira geral, é-lhe atribuído um terreno à parte, longe das vistas das classes mais felizes, onde o proletariado se governa sozinho, bem ou mal. Estes bairros miseráveis são organizados da mesma forma em quase toda a Inglaterra e constituídos pelas piores casas, nas zonas piores da cidade. As mais das vezes, são edifícios de dois andares, ou mesmo térreos, em tijolo, alinhados em longas filas e

quase sempre irregularmente construídos. Estas pequenas casas de três ou quatro compartimentos e uma cozinha constituem vulgarmente em toda a Inglaterra, exceto em alguns bairros de Londres, o tipo de habitação da classe operária. As próprias ruas, habitualmente, não são nem planas, nem pavimentadas; são geralmente sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos e cobertas de poças de água estagnada e fétida. A ventilação é dificultada pela construção deficiente e confusa de todo o bairro, e como muitos indivíduos ali vivem num reduzido espaço, é fácil imaginar o ar que se respira nesses bairros operários. Por outro lado, e nos dias de bom tempo, as ruas servem para secar roupa: estendem-se cordas de uma casa à outra e aí se pendura a roupa úmida (ENGELS, 1980, página desconhecida).

Enquanto realização humana a cidade é um fazer-se intenso, ininterrupto. Este fazer-se destrói o que já está produzido com a finalidade de se criar novas formas. Isso nos leva então a associar a idéia de cidade com as imagens do inacabado. Pode-se dizer, em última análise, que as metamorfoses da cidade produzem as imagens das ruínas e devastações modernas. Por isso, muitos falam da cidade associando-a à ideia de caos (CARLOS, 2007).

2.2 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE A PARAÍBA E NA CIDADE DE SAPÉ/PB

Durante séculos o Brasil foi um país predominantemente agrário, cujas atividades primárias eram responsáveis pela principal fatia da balança comercial, a exemplo das culturas da cana-de-açúcar, do café, do algodão, do látex, e da própria exploração mineral, vegetal e animal. Com efeito, a população vivia, em sua ampla maioria, na zona rural.

Referindo-se aos primórdios da urbanização, Nestor Goulart Reis *apud* Santos (1988) estudou o período compreendido entre 1500 e 1720 e destacou três principais etapas da organização do território brasileiro:

- A primeira fase compreende os anos de 1530 e 1570, com destaque para a fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1567;
- A segunda fase compreende os anos de 1580 e 1640, anos de dominação espanhola, existindo dois pontos de maior intensidade: os anos entre 1610 e 1620, com a fundação de uma vila e três cidades, e entre os anos de 1630 e 1640, com a fundação de nove vilas e a existência de uma urbanização sistemática na costa norte, em direção a Amazônia;

- A terceira fase acontece entre os anos de 1650 e 1720, onde foram fundadas trinta e cinco vilas, onde ao fim do período, a rede urbana estava constituída por um responsável conjunto de sessenta e três vilas e oito cidades.

A fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves (atual João Pessoa), em 1585, vai ocorrer na segunda fase descrita nos parágrafos anteriores. Localizada entre o rio e o mar, a cidade surge como importante entreposto comercial que dava escoamento à produção açucareira.

Com efeito, o fenômeno da urbanização tem seu desenvolvimento no Estado da Paraíba através da produção do algodão e da ferrovia. A cultura algodoeira ocasionou o surgimento e crescimento de inúmeras vilas, onde nas mesmas instalavam-se casas comerciais e pequenos maquinismos (os vapores) para o benefício do produto. No caso do Agreste, o crescimento das aglomerações urbanas é explicado também pelo número elevado de migrantes vindos do Sertão, expulsos pela seca (GONÇALVES *et. al.*, 1999).

De acordo com Ferreira (2013), a cidade de Sapé, contexto de estudo do presente trabalho, teve seu crescimento urbano através dos seguintes fatores:

- Surgimento da passagem da linha férrea nos capinzais que envolviam o espaço territorial no ano de 1881, e construção da estação de trem com o intuito de atender os habitantes que especialmente viviam nas povoações de Sobrado e Cachoeira;

- Faltando poucos anos para a chegada do século XX, as primeiras habitações destinadas a moradias e instalações começaram a ser construídas por pessoas que, na sua maioria, era originária das povoações de Sobrado e Cachoeira, como também dos engenhos, sítios e propriedades existentes nas cercanias. Todos atraídos pelo “apito do trem”, que representava o verdadeiro símbolo de progresso e prosperidade;

- Em 1917, o então governador da Paraíba, Dr. Francisco Camilo de Holanda, através da lei nº 483, elevou Sapé à condição de distrito. Nesse mesmo ano, o povoado já era possuidor, entre outras, das seguintes obras de interesse público: duas capelas, sendo uma em Sapé do Meio (Nossa Senhora da Conceição), e a outra em Sapé de Cima (Sagrada Família); um mercado público, situado na atual avenida Getúlio Vargas em direção a Sobrado; um chafariz público, localizado em Sapé do Meio, ainda hoje existente, porém desativado, como também o cemitério público localizado na parte extrema de Sapé do Meio;

- Por fim, em ocasião da categoria de Distrito de Paz de Sapé, em 1917, a localidade já possuía em suas principais ruas os serviços públicos de iluminação, como também a casa de cinema considerada a mais moderna diversão oferecida aos seus habitantes.

2.3 O ESTUDO DA CIDADE

As cidades têm merecido a atenção de profissionais das mais diversas áreas como, arquitetos, historiadores, psicólogos, engenheiros, geógrafos, sociólogos, economistas, em diferentes perspectivas. Dentro das probabilidades de estudo desses diferentes profissionais está a que toma como foco a dinâmica cotidiana da cidade, contemplando os aspectos da política urbana, como o planejamento e a gestão, as concepções de gestão e participação, os problemas urbanos nos setores de transporte, abastecimento, ambiente, habitação, segurança, lazer, entre outros. Diante disso, a escola também é uma das instâncias de formação da cidadania onde o ensino de Geografia trabalhado pode contribuir para o diálogo entre as diferentes formas de concepção e prática da cidade (visões de mundo), seja levando em consideração as questões cotidianas ou científicas, ou ambas (CAVALCANTI, 2008).

Criar novas possibilidades do *ensinar-aprender* na Geografia escolar por meio do *estudo-pesquisa* sobre os fenômenos espaciais da cidade e do urbano é de necessária importância para que se possa compreender a lógica contraditória, desigual e combinada do mundo capitalista. Essa, da complementaridade urbana e rural, em seus “conjuntos segregacionais”, se analisada do particular para a totalidade, envolvendo combinações – econômicas, políticas, culturais, religiosas, artísticas e científicas – fomentará então práticas com mais justiça social (OLIVEIRA 2009 *apud* OLIVEIRA, 2014).

A abordagem feita em sala de aula sobre o conceito da cidade e sua dinâmica (cujos elementos de abordagem são importantes dentro da ciência geográfica), proporciona o contato com o espaço vivido do educando e com outros temas envolvendo este espaço, criando assim posturas críticas dos alunos sobre os fatos vividos e a interação homem e natureza (MANFIO; SEVERO e WOLLMANN, 2013).

Quando o professor produz a discussão em sala de aula sobre o espaço urbano vivenciado pelos alunos, os mesmos são cercados por possibilidades

dinâmicas de aprenderem sobre o seu meio. Nesse momento, eles passam a entender e se situar como participantes desses espaços e podem refletir sobre as problemáticas dos bairros e ruas onde residem, por exemplo.

É necessário que a cidadania seja valorizada e se eduque a população a viver dignamente, respeitando o lugar de cada um dos moradores da cidade para que haja harmonia no cotidiano. Dessa forma, a Geografia escolar, no tratamento do conceito e dinâmica urbana, deve abordar a idéia de cidadania e suas discussões científicas precisam trabalhar com as questões do espaço, principalmente em um mundo cada vez mais desigual em suas relações e na constante produção/reprodução (MANFIO; SEVERO, 2014). Quando a cidade surge como temática dentro da sala de aula, entende-se que o sentimento de cidadania é trabalhado em cada um de nós, pois na prática tanto o professor como o aluno constroem seus pensamentos sobre o urbano.

Um papel fundamental dos professores de Geografia é proporcionar a formação geral dos cidadãos. Porém, não é fácil falar em cidadãos visto que é um conceito muito utilizado e por isso mesmo, aparentemente tão vazio de significado. É preciso ainda, reafirmar esse objetivo do ensino e defender a educação geográfica para a vida urbana com participação mais igualitária, entendendo que o mesmo é um sujeito da política urbana, na proporção em que se faz presente através da participação na gestão da cidade (CAVALCANTI, 2008).

Aprender a pensar o urbano supõe iniciar dos conteúdos objetivos e subjetivos da cidade, suas relações econômicas, políticas, sociais, jurídicas, com o ecúmeno, incluindo o domínio das técnicas e dos instrumentos herdados para analisá-lo. Considerando essa perspectiva, encontram-se possibilidades interdisciplinares de se construir com os alunos uma análise espacial que seja favorável a busca pela cidadania, ou seja, caminhos para a pesquisa empírica, científico-reflexiva, e de atuação e prática da escola na abordagem de temas como:

- O sítio urbano (assentamento, estrutura);
- As bases físicas (as edificações, arruamento, áreas especializadas etc.);
- As características naturais: relevo vales, depressões, córregos, nascentes, áreas verdes, tipos de vegetação, microclimas;
- Áreas com risco de movimentação e sujeitas a inundações;
- Áreas de reserva ambiental ou estratégicas;

- Organização e distribuição espacial: comércio, indústria, áreas residenciais, praças e áreas de lazer;
- Distribuição da população;
- Tipos de construção para atividades específicas e para habitação;
- Meios de locomoção (CALLAI 2000 *apud* OLIVEIRA, 2014).

A Geografia urbana recebe um novo ímpeto na atualidade e torna-se fundamental à elaboração de conceitos e estudos da realidade, sobretudo no âmbito escolar e principalmente na educação básica, pois é importante que os alunos aprendam mais sobre a cidade e toda dinâmica que a envolve. Dessa forma, os mesmos podem posicionar-se e se tornar pessoas críticas que atuam no mundo onde vivem (MANFIO; SEVERO, 2014).

A importância do estudo da cidade na geografia escolar é de promover o entendimento por parte dos alunos sobre suas origens, proporcionando que o indivíduo se reconheça enquanto ser social e cidadão (SILVA 2009 *apud* MANFIO *et. al.*, 2013).

A Geografia tem como tarefa fundamental compreender a complexidade das cidades e dessa forma, procura ampliar essa temática e as abordagens teóricas, conservando, no entanto, seu objeto de estudo, o espaço geográfico. Assim, buscase na investigação geográfica, entender, pela análise da cidade, a lógica que orienta a produção e reprodução do espaço urbano, ressaltando suas dimensões materiais e simbólicas (CAVALCANTI 2002 *apud* CAVALCANTI, 2011).

Cabe a geografia escolar a responsabilidade da análise espacial, em um esforço para que o aluno possa vivenciar seu papel como sujeito histórico e (co) responsável pelos processos que dão forma e conteúdo as cidades (SIQUEIRA, 2014).

O ensino de Geografia também pode contribuir para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades e valores que ampliam a capacidade das crianças e jovens em compreender o mundo em que vivem e atuam, em uma escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas (CAVALCANTI, 1999).

O estudo da cidade em sala de aula, pode ainda revelar aspectos topofólicos, pois os alunos irão reconhecer a cidade pela construção do real (o que é visto e estudado da cidade) como também pelo imaginário (as experiências e sentimentos) (MANFIO; SEVERO; WOLLMANN, 2013.2).

2.4 O ENSINO DA CIDADE NA REALIDADE DO ALUNO

A escola tem a tarefa de propiciar elementos, por meio do ensino de diferentes conteúdos, especialmente os de Geografia, para que haja um elo feito pelos alunos sobre o que acontece nos lugares onde vivem, ou seja, no seu espaço cotidiano, e o que se manifesta em outros lugares do mundo, trabalhando dessa forma com superposições de escalas de análise, local e global (CAVALCANTI, 2008).

A educação deve proporcionar que o aluno tenha uma livre expressão frente aos conteúdos ministrados na escola, cabendo ao professor desenvolver práticas didáticas que despertem a motivação, a criatividade e o aprendizado por parte dos educandos. Os conteúdos que são trabalhados em sala de aula também devem levar em conta aspectos relevantes aos alunos, valorizando assim o seu conhecimento prévio e seu espaço vivido. Dessa forma, a cidade merece destaque nos estudos geográficos, pois ela é o espaço de vivência e (re)produção da sociedade (MANFIO; SEVERO; WOLLMANN, 2013).

O ensino de geografia, por muitas vezes, tem se atrelado à repetição de conteúdos voltados para a aprovação em vestibulares, provas e concursos, mantendo pouca ou nenhuma ligação com a realidade do aluno, pois os mesmos são baseados em uma lista de assuntos que devem ser seguidos pelo professor como uma meta. Observa-se também que muitos professores não conseguem trabalhar os conteúdos geográficos de uma forma diferenciada devido a falta de tempo, pois possuem uma lista e conteúdos para seguir ou até mesmo pela falta de interesse dos alunos nas atividades, que acabam sendo rotineiras, não despertando a atenção dos mesmos (MANFIO; SEVERO, 2014).

Dessa forma, o ensino de Geografia acaba se tornando algo monótono e distante dos alunos, uma vez que eles estão acostumados, ao passar dos anos, a aprender e reproduzir esses conhecimentos apenas em avaliações do programa da disciplina, o que acaba sendo na realidade uma acumulação desenfreada de conteúdos que, na maioria das vezes, não são aproveitados por eles.

É importante levar em consideração o local, objetivando propiciar a construção pelo aluno de um quadro de referências mais geral e que lhe permita fazer análises críticas. No conjunto de temas que auxiliam a Geografia a mediar um conceito de cidade para a vida cotidiana devem estar inseridos aqueles que se

referem aos meios de socialização dos alunos, e que representem a sua geografia vivida, como cultura juvenil, linguagem e suas expressões, seus espaços de consumo, lazer, mercado, imagens, sons, ritmos, tecnologia, trabalho, códigos, lugares multiculturais, tempo e espaço dos sujeitos jovens e adolescentes, construindo e estabelecendo práticas sócio-espaciais (CAVALCANTI, 2011).

Para se efetivar um trabalho escolar sobre cidade e cidadania, é importante entender como as diferentes experiências e conhecimentos das crianças e jovens da/na cidade se “cruzam” ou se “encontram” com os conteúdos sistematizadores e as experiências curriculares na aula de Geografia, como também os resultados que esse encontro pode apresentar do ponto de vista da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual, social e afetivo do aluno (CAVALCANTI, 1999).

As experiências e contatos dos alunos com suas realidades são elementos fundamentais que devem ser levados em consideração na dinâmica da aula, pois o professor precisa trabalhar nessa perspectiva com o intuito de amadurecer e construir ainda mais o pensamento crítico dos alunos acerca de seus espaços.

Além de tornar-se o principal foco da dinâmica espacial da cidade, o espaço urbano também se torna o palco de vários conflitos sociais, econômicos, culturais e ambientais, o que acaba mudando as relações dos homens com o mesmo. Assim, é importante buscar e ressaltar sentimentos como identidade e pertencimento com os alunos, para que estes vivam o seu espaço, se sintam integrantes deste e responsáveis pelo mesmo (MANFIO; SEVERO; WOLLMANN, 2013.2).

O ensino na sala como também fora da sala é construtivo e produz uma análise crítica do espaço, como afirma Vesentini:

Enfim, só a prática docente nas salas de aula – e também fora delas, com estudos dos meios participativos, por exemplo – é que irá engendrar uma geografia crítica, voltada a contribuir para a formação de cidadãos plenos. E tal tarefa é ininterrupta, o que vale dizer que não se deve encontrar uma receita, um modelo acabado para ser constantemente reproduzido, mas sim que o buscar deve ser uma meta sem fim, que o renovar e sempre experimentar novas atividades e conteúdos é condição *sinequa non* para um ensino que não sirva às relações de dominação (VESENTINI 1995 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 179).

O desenvolvimento de um modo de pensar geográfico de forma mais ampla e abstrata requer, assim, a formação de conceitos pelos alunos. O trabalho de transformar o conteúdo geográfico em ferramenta de pensamento dos alunos requer

a busca de significados e dos sentidos dados por eles a diversos temas que são abordados em sala de aula, levando-se em consideração sua experiência vivida. Também implica a busca da generalização dos conceitos e o entendimento de sistemas conceituais. Além disso, é preciso trabalhar com outras dimensões da formação humana, como a emocional, e a social, e não somente a cognitiva, a racional (CAVALCANTI, 2008).

2.5 O USO DE MAQUETES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A maquete é um dos recursos didáticos utilizados nas aulas de Geografia, como representação de um objeto de forma tridimensional em escala reduzida, real ou ampliada, como finalidade artística, de estudo, de planejamento ou comercial, possibilitando ao observador apropriar-se do objeto através de sua manipulação e visualização (PITANO; ROQUÉ, 2015).

Quando o aluno visualiza a maquete, a sua curiosidade é aguçada para manuseá-la, e dessa forma, ampliam-se as possibilidades não só da aprendizagem do conteúdo, mas também sobre o percurso metodológico trabalhado para sua confecção. Assim, o procedimento metodológico utilizado pelo professor contribui para que o aluno perceba as relações homem/espaço como também a compreensão sobre a dinâmica dessas relações no processo de transformação da realidade que o rodeia (GALLO et. al. 2002 *apud* PAULO, 2015).

O uso de maquetes desperta nos alunos o interesse em investigar o espaço vivido, interpretar e contextualizar a Geografia do lugar, proporcionando ainda o interesse pela participação nas mudanças da sociedade. Propicia a valorização local e a solução de problemas, desde o espaço físico ao social, criando uma ponte entre o ensino da disciplina e o cotidiano do aluno, pois possibilita mostrar a organização e a ocupação do espaço, além da interação com o meio representado na maquete (PITANO e ROQUÉ, 2015). Ao manusear a maquete o aluno consegue compreender melhor as características, por exemplo, de uma determinada área geográfica, ampliando assim sua reflexão e entendimento sobre a temática trabalhada.

Em seu contexto de apresentação as maquetes geográficas possuem a possibilidade de ir além da apresentação de uma diversidade de informações que as constituem, pois elas permitem a construção de vários pontos de vista e olhares

sobre si, elaborando assim diferentes meios de comunicação, pois o aluno irá avaliar a maquete segundo sua visão de mundo (PELUSO; PAGNO, 2015).

A participação do aluno em sua construção também é de fundamental importância, pois quando o mesmo tem a experiência de poder elaborar o material que será utilizado junto ao conteúdo ministrado, a assimilação é ainda maior, pois ele participa e interage com o professor e os demais alunos (GONDIM; DIAS; MUNIZ, 2013).

A maquete é um recurso didático diferente, pois possibilita que se visualize o que, em outras ferramentas, não é possível: a terceira dimensão. Ao facilitar a visão de uma determinada área, ela trabalha o conceito de escalas de análise. O aluno enxerga o processo, por exemplo, na hidrografia, os cursos d'água no terreno e percebe melhor o espaço geográfico ou os resultados de alguma ação física, sendo possível dimensionar melhor todo o processo ou ressignificá-lo. Seu uso também pode ser feito por deficientes visuais, desde que adaptado para que se possa ser compreendida por meio do tato (PITANO; ROQUÉ, 2015).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CAMPO DO ESTÁGIO

A Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho está localizada no centro da cidade de Sapé, mais precisamente na Rua Manoel Moreira da Silva (fotografia 01). A mesma oferece à população sapeense as seguintes opções de ensino: formação no magistério e ensino médio com comércio (turno da manhã) e ensino médio regular (turno da tarde), não havendo funcionamento no turno da noite. Atualmente a escola possui como gestora a professora Edna Pedrosa dos Santos Meireles.

Fotografia 01. Vista frontal da Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho, Sapé-PB



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

3.2 ESTRUTURA FÍSICA

A escola possui infraestrutura adequada para o atendimento da comunidade e conta com equipamentos básicos para o bom andamento das atividades: carteiras e mesas suficientes para todos os alunos e armários suficientes para todos os professores, bem como material de expediente (canetas para quadro, papel, etc.) e material didático acessível aos alunos.

O barulho externo das salas de aula é razoável e a iluminação e ventilação natural e artificial tornam o ambiente agradável, porém algumas salas são quentes e escuras. A escola possui salas e banheiros com acessibilidade através de rampas e próximo a esses últimos localizam-se os bebedouros. De forma geral, ela conta com bebedouros, rampas, cantina, sala de professores, sala da direção, sala da

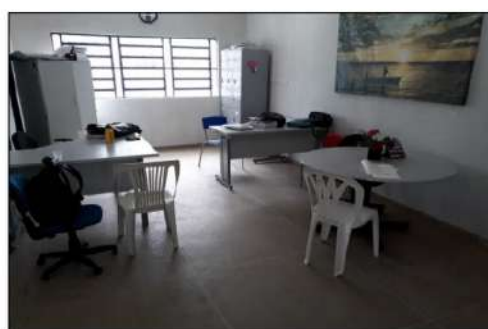
secretaria, laboratórios (física, química, biologia, matemática e informática), biblioteca, almoxarifado e sala de reprografia (fotografias 02, 03 e 04). Por fim, os professores contam também com alguns recursos didáticos para subsidiar as aulas, tais como computadores, data show, televisor, DVD-player e micro system. A escola possui apenas seis salas de aula e em algumas ocasiões a biblioteca é utilizada como sala.

Fotografia 02 - Laboratório de Química



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Fotografia 03 - Sala dos professores



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Fotografia 04 - Biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

3.3 ASPECTOS PEDAGÓGICOS

Em 2017, ano da realização da pesquisa, a escola possuía 424 (quatrocentos e vinte e quatro) alunos matriculados nos turnos manhã e tarde, envolvendo as três modalidades de ensino, sendo que destes, 263 (duzentos e

sessenta e três) estavam matriculados no turno da tarde na modalidade *ensino médio normal*. Possuía também 19 professores, sendo apenas dois de Geografia que lecionavam nos dois turnos.

O Projeto Político Pedagógico da escola passa por constantes atualizações, sendo a última realizada no ano de 2015 com a participação ativa de professores e funcionários. A escola possui ainda o Conselho de Classe e o Conselho Escolar, que são órgãos colegiados, além do Grêmio Estudantil.

Ela desempenha importante função social junto à comunidade, promovendo intervenções locais. As reuniões pedagógicas ocorrem a cada bimestre e para enfrentar problemas como repetência, evasão e faltas às aulas, a gestão tenta de alguma forma evitar que isso ocorra, procurando saber os motivos que ocasionam os problemas supracitados.

São realizados anualmente projetos como feira de ciência, jornada pedagógica e atividades culturais, como a semana da pátria, festas juninas e diversas palestras sobre drogas, violência, entre outros temas.

3.4 ASPECTOS ADMINISTRATIVOS

Em sua equipe administrativa a escola possui uma gestora, três funcionários na secretaria, sendo uma técnica administrativa, uma secretária e um assistente escolar, juntamente com as demais funcionárias da cantina. A escolha dos gestores é feita por indicação do governador e os recursos são gerenciados de forma coletiva através do Conselho Escolar.

A escola apresenta bons recursos em sua estrutura física e profissionais capacitados para trazer um bom ensino para o alunado, porém, ainda são precisos alguns investimentos, pois os professores se esforçam trabalhando de acordo com os recursos disponíveis. Pode-se afirmar que o ambiente é tranquilo e que os funcionários procuram atender à comunidade da melhor forma possível. Os professores se preocupam com o desempenho dos alunos e estes são esforçados nas atividades escolares. Apesar de ser uma escola pequena, observei entusiasmo e comprometimento de ambas às partes.

3.5 REGÊNCIA

A atividade de estágio foi iniciada no dia 04 de outubro de 2017, oportunidade em que fui até a escola para recolher as assinaturas dos principais documentos, como também coletar os dados para compor o diagnóstico. Todos os funcionários foram bem receptivos e as informações necessárias foram obtidas.

O primeiro contato com o professor acompanhante das aulas ocorreu no dia 09 de outubro de 2017, de modo que apresentamos a ele os documentos do estágio para recolhimento das assinaturas, como também a proposta do projeto que seria trabalhado. O professor prontamente ofereceu a turma para que as atividades do estágio e projeto fossem desenvolvidas, dando também todo o suporte necessário. As atividades foram divididas em duas etapas, sendo a primeira com o acompanhamento de uma aula e a segunda com o período de regência.

No dia 16 de outubro de 2017 ocorreu a primeira etapa da pesquisa. Nesse contato inicial com os alunos tivemos a oportunidade de discutir aspectos sobre a importância do ensino da Geografia para a vida deles.

No dia 06 de novembro de 2017 teve início o segundo período da pesquisa (com as atividades de regência) e para uma melhor compreensão da turma foi elaborada uma apostila sobre os principais fatores responsáveis pelo processo de urbanização em nível mundial, passando pela realidade brasileira até a sua configuração no estado da Paraíba. A aula foi desenvolvida de forma expositiva e poucos alunos se pronunciaram para o questionamento de possíveis dúvidas. Na ocasião, abordou-se o início do processo de urbanização nas primeiras civilizações, as atuais formações urbanísticas, com destaque para o Brasil, e a origem da urbanização no estado da Paraíba, estabelecendo um elo com os exemplos do fenômeno na cidade de Sapé. Ao fim da aula foi sugerida como atividade uma pequena descrição do bairro onde cada aluno residia, visando o aprofundamento e discussão da temática.

É importante se fazer um resgate da temática abordada, trazendo a discussão até a realidade dos alunos, pois, como afirma Cavalcanti (2011), os jovens escolares têm conhecimento espacial, são cidadãos em busca de identificação e, dessa forma, produzem uma "Geografia". É importante compreendê-los nas práticas de ensino, entendendo como eles vivem em seu lugar, em seu cotidiano, como eles se relacionam com esse lugar, com seu bairro e cidade.

A segunda aula ocorreu no dia 13 de novembro de 2017 e na oportunidade foi iniciada uma abordagem acerca da dinâmica da paisagem e seus elementos, com ênfase na realidade dos alunos. Com efeito, poucos realizaram a atividade proposta e se pronunciaram durante a aula. Vale ressaltar o posicionamento de duas alunas sobre as mudanças verificadas: a primeira destacou que o local onde hoje se encontra o seu bairro passou por transformações radicais, tendo em vista que era uma área ocupada por sítios. A segunda aluna destacou a influência que as atividades exercem sobre a paisagem urbana, pois a sua residência se localiza no centro da cidade e fica perto do comércio. Por fim, realizou-se a revisão do conteúdo abordado na aula anterior e decidiu-se que na aula seguinte seriam trabalhados aspectos da questão urbana em Sapé (fotografia 05).

Na aula do dia 20 de novembro de 2017 foram debatidas as origens do processo de urbanização na cidade de Sapé e foi feita uma revisão do conteúdo trabalhado. Após isso, buscou-se dividir a turma em grupos de modo que cada um representasse um bairro da cidade para a construção da sua maquete e debate da mesma. A divisão foi estabelecida através da lista de frequência e cada aluno destacou o seu bairro. Foram formados quatro grupos, sendo o grupo do bairro Nova Brasília, o grupo do bairro São Francisco, o grupo do bairro loteamento Renato Ribeiro e o grupo do bairro Centro. Sendo assim, a culminância do projeto ficou marcada para o dia 27 de novembro de 2017.

Cabe ressaltar que a maquete é a aplicação de uma teoria em uma ferramenta material, podendo assim dinamizar a discussão da turma em sala de aula, tornando os conteúdos mais interativos (PITANO; ROQUÉ, 2015).

Fotografia 05 - Ministração de aula no período de regência



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

No dia 27 de novembro de 2017 apenas dois grupos fizeram a apresentação das maquetes: o grupo do bairro Nova Brasília e o grupo do bairro São Francisco. O primeiro grupo apresentou a maquete da igreja católica do bairro, como também o espaço circundante de uma maneira sucinta. Na ocasião, foi discutido com os componentes do grupo o desenvolvimento desse espaço ao longo dos anos, dando ênfase ao processo cultural estabelecido pela influência da igreja, através do resgate da festa da colheita realizada no pátio desta durante muitos anos (fotografias 06 e 07).

Fotografia 06 - Maquete da igreja católica do bairro Nova Brasília



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Fotografia 07. Grupo elaborador da maquete da igreja católica de Nova Brasília



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Já o grupo do bairro São Francisco elaborou a maquete da Praça Roque Santeiro, bastante conhecida pela população local, e propôs uma discussão importante sobre esse espaço. Em seguida foi debatido com os alunos como o local foi sendo modificado ao longo dos anos com o processo de urbanização, tendo em vista o desmembramento para a construção do bairro Planalto Central nas imediações da praça. Modificação considerável no espaço do bairro que, ao longo dos anos foi um espaço agrário (fotografias 08 e 09).

Fotografia 08 - Maquete da Praça Roque Santeiro, bairro São Francisco



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Fotografia 09 - Grupo elaborador da maquete da Praça Roque Santeiro



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Dos dois grupos que faltavam apresentar, o grupo do bairro loteamento Renato Ribeiro por ser composto apenas de três alunos, acabou desistindo, e o grupo do bairro Centro acabou não desenvolvendo a comunicação entre os membros, o que gerou também a não confecção do trabalho. Para solucionar o problema, formou-se então um único grupo que representaria o Centro da cidade. A conclusão do estágio foi então adiada para o dia 04 de dezembro de 2017, com a culminância do projeto. O último grupo fez a apresentação da maquete da igreja católica matriz da cidade bem como seu entorno. Houve uma apresentação sucinta e discutiu-se com os mesmos sobre o desenvolvimento do espaço e a influência que os pontos de referência da cidade exercem sobre nossas vidas (fotografias 10 e 11). Com a exposição dos conteúdos nas aulas ministradas e a produção das maquetes, foi possível constatar que os alunos compreenderam melhor a dinâmica dos espaços onde residem e interagiram no processo de construção do conhecimento.

Fotografia 10. Maquete da igreja católica no centro da cidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Fotografia 11. Grupo elaborador da maquete da igreja católica do centro da cidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o período de realização da pesquisa, pode-se viver e compreender a realidade em que a educação atual enfrenta para atender nossa sociedade, onde muitas vezes trabalhar de forma dinâmica requer de cada professor recursos que a escola em certas ocasiões não poderá ampará-lo para essa realização. Uma sala de aula possui alunos que pensam de formas diferentes e isso se torna um desafio ao professor, planejar a aula de tal forma a despertá-los para as discussões propostas.

É necessário que nossas aulas sejam para além de uma sala de aula, pois o conhecimento é produzido também na vivência cotidiana de cada professor e de cada aluno, e trabalhar de forma a despertar o pensamento reflexivo e ir além das salas, é levar o aluno de volta ao seu espaço e pensar junto com o mesmo acerca das problemáticas a sua volta. Dessa forma a aula não é limitada a simplesmente cercar cada aluno de atividades que os sobrecarreguem de tal forma a não conduzi-los a produção do conhecimento, mas sim uma ampliação do trabalho docente.

As atividades realizadas juntamente com todo o levantamento bibliográfico utilizado, comprovaram a importância de se trabalhar a temática *espaço urbano* em sala de aula, buscando possibilitar aos alunos uma maior participação nas aulas e a construção do conhecimento sobre suas realidades. Dessa forma pudemos elencar as seguintes considerações:

- Desde o período de regência até a culminância do projeto, foi possível trabalhar com a turma os objetivos pretendidos, de modo que ressaltamos a participação dos mesmos nas discussões propostas e no processo pedagógico de construção das maquetes, atividade que exigiu dos grupos dedicação e colaboração;
- Trabalhar temáticas como o *ensino da cidade* e diversas outras que envolvam os espaços dos alunos requer de nós professores através do planejamento, determinação e metas a serem traçadas, para que os alunos participem de uma aula dinâmica e possam refletir acerca dos espaços que vivem e constroem;
- Através do uso das maquetes como ferramenta didática, foi possível abordar com mais facilidade os temas da Geografia, sobretudo àqueles relacionados

ao estudo da cidade. Ao construírem as maquetes e discutirem sobre seus espaços de convívio os alunos compreenderam melhor a formação dos locais onde residem e debateram com mais facilidade as influências que esses espaços exercem sobre a população, bem como as mudanças ocorridas ao longo dos anos;

- Entendemos que a busca pelo pensamento crítico e participativo é o melhor caminho para uma boa educação e que as aulas dinâmicas e criativas, são capazes de proporcionar um aprendizado prazeroso e enriquecedor, tanto para os alunos como para o professor.

Por fim, vale ressaltar que durante todo o período do estágio a escola ofereceu o suporte necessário para a produção da pesquisa, desde os primeiros contatos, na regência de aulas, como também na culminância com a apresentação das maquetes. Fica aqui registrado o nosso agradecimento à direção, ao professor de Geografia e alunos.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2007.

CARVALHO, Alex et al. *Aprendendo Metodologia Científica*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000, pp. 11-69.

CAVALCANTI, L. S. *A cidadania, o direito à cidade e a Geografia escolar: elementos de geografia para o estudo do espaço urbano*. In: **Revista Geosp**, São Paulo, v. 5, 1999, p. 41-55. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123346/119683>> Acesso em 29 mar. 2018.

————— *Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares*. In: **Revista Geografica de America Central**, v. 2, 2011, p. 1-18. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2900/2772>> Acesso em 29 mar. 2018

————— *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*. São Paulo: Papirus, 2008.

DA SILVA, Vlândia; MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. *A Geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da Geografia*. In: **Geosaberes: revista de estudos geoeducacionais**. Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/117>>. Acesso em 06 abr. 2018.

DIAS, R. H.L.; GONDIM, L. B.; MUNIZ, A. M. V. *O uso da maquete e das revistas em quadrinhos no ensino de Geografia*. In: **Revista Geoaraguaia**. v. 3, 2013, p. 46-55. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/4852/3262>>. Acesso em 31 mai. 2018.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Lisboa: Presença, 1980.

FABER, Marcos. **A importância dos rios para as primeiras civilizações**. São Paulo: História Livre, 2011. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-R&as_sdt=0%2C5&q=surgimento+das+tribos+sedentarias+e+aldeas&btnG=>>. Acesso em 08 mai. 2018.

FERREIRA, Juraci Marques. **O processo histórico de Sapé (1757-2012)**. João Pessoa: Ideia, 2013.

GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J. ; RABAY, G. **A questão urbana na Paraíba**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, v. 1.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

MAIA, C. E. S. *Teoria Marxista da evolução urbana: uma breve introdução*. In: **Boletim Goiano de Geografia**, v 16, n. 1,1996, p. 15-28. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Cidades+episcopais+e+burgos&btnG=>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

MANFIO, Vanessa; SEVERO, M. D. *A Geografia e a escola repensando a cidade em sala de aula: uma proposta metodológica*. In: **Perspectiva Geográfica**, v. 9, 2014, p. 1-14. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/9745/7556>>. Acesso em 07 mar. 2018.

MANFIO, Vanessa; SEVERO, M. D.; WOLLMANN, C. A. *Discutindo a cidade em sala de aula: algumas considerações*. In: **Anais do II Simpósio de Estudos Urbanos**. Campo Mourão, 2013, p. 1-13. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/trabalhos_ensino.html>. Acesso em 29 mar. 2018.

MANFIO, Vanessa; SEVERO, M. D.; WOLLMANN, C. A. *Sentimentos e identidades com a cidade: a percepção dos alunos do 7º ano do ensino fundamental a cerca do espaço urbano*. In: **Anais do II Simpósio de Estudos Urbanos**. Campo Mourão, 2013, p. 1-11. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/trabalhos_ensino.html>. Acesso em 29 mar. 2018.

OLIVEIRA, M. M. *O estudo do meio sobre a cidade e o urbano na geografia: (re)pensar a prática de ensino na escola é necessário?*In: **Revista GEOUSP**. São Paulo, v. 18, 2014, p. 609-623. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/90070/92882>> Acesso em 01 jun. 2018.

PAULO, J. R. *A construção de maquetes nas aulas de Geografia: contribuições para mudanças de concepções de ensino*. In: **V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, v. V, 2015, p. 795-804. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/eventos/senieeseminario/anais/>> Acesso em 01 jun. 2018.

PELUSO, D.; PAGNO, F. *O uso de maquetes como recurso de aprendizagem*. In: **Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2015. p. 1059-1068. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/eventos/senieeseminario/anais/>> Acesso em 06 abr. 2018.

PITANO, S. C.; ROQUÉ, B. B. *O uso de maquetes no processo de ensino-aprendizagem segundo licenciandos em Geografia*. In: **Educação Unisinos**. v. 19, p. 273-282, 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2015.192.11/4713>>. Acesso em 06 abr. 2018.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SIQUEIRA, Santiago Alves de. *A educação geográfica e a cidade: a Geografia escolar, o método e o ensino da cidade*. In: **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**. Florianópolis, v. 1, n. 1, outubro 2014, p. 343-358. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/3243/4223>>. Acesso em 29 mar. 2018.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1989.

6 APÊNCIDE

6.1 APOSTILA ELABORADA PARA AULAS

Um pouco sobre urbanização

Início do processo de urbanização nas primeiras civilizações

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade da sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda de forma sintética, a sua trajetória. Entendemos então que o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações.

Uma das primeiras condições necessárias para o surgimento das cidades foi à existência de um melhor suprimento de alimentos através da domesticação dos animais, e da prática de se reproduzirem os vegetais comestíveis por meio de mudas. Isto se deu há cerca de 15 mil anos e todo esse processo foi muito lento, porque somente três ou quatro mil anos mais tarde essas práticas se sistematizaram, através do plantio e da domesticação de outras plantas com sementes, e da criação de animais em rebanhos.

A produção de excedente alimentar é, portanto, condição necessária, embora não seja a única, para que efetivamente se dê uma divisão social do trabalho, que por sua vez abre possibilidade de se originarem cidades.

O império Romano é sem dúvida o melhor exemplo de expansão da urbanização na Antiguidade, por conta de um poder unificado. A vitória dos romanos sobre os gregos na Itália e Sicília, e a anexação dos impérios cartaginês e helenístico, permitiram a apropriação e o aperfeiçoamento dos sistemas econômico e administrativo já de desenvolvidos por estes povos.

O conjunto de ruas de Roma era deficiente, por serem elas estreitas e tortuosas. Não havia iluminação pública nem coleta de lixo, apesar do contingente populacional ali concentrado. Os aquedutos forneciam água para os usos públicos, inclusive para as grandes termas (nas casas não havia condições para a higiene). A rede de esgotos começou a ser implementada no século IV a.C., mas só recolhia as descargas dos edifícios públicos e das de alguns domus; o restante dos refugos era descarregado em poços negros, ou diretamente das janelas dos andares superiores dos insulae.

A expressão indústria traduz, no seu sentido mais amplo, o conjunto de atividades humanas que têm por objeto a produção de mercadorias, através da transformação dos produtos da natureza. Portanto, a própria produção artesanal doméstica, a corporativa e a manufatureira representaram formas de produção industrial, ou seja, um primeiro passo no sentido de transformar a cidade efetivamente num espaço de produção.

O melhor exemplo da urbanização foi, sem dúvida, o da Inglaterra, primeiro espaço de desenvolvimento pleno do capitalismo industrial. No começo do século XIX a proporção de pessoas nas cidades de mais de cem mil habitantes era de ordem de 10%, sendo que quarenta anos depois era de 20%, um aumento grande se comparado ao crescimento observado no século anterior na Europa.

A cidade é particularmente o lugar onde se reúnem as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo. O seu caráter de concentração, de densidade, viabiliza a realização com maior rapidez do ciclo do capital, ou seja, diminui o tempo entre o primeiro investimento necessário à realização de uma determinada produção e o consumo do produto. A cidade reúne qualitativa e quantitativamente as condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, e por isso ocupa o papel de comando na divisão social do trabalho.

No Brasil, durante o século XVI, foram fundadas 18 cidades, segundo os dados levantados por Nestor Goulart Reis Filho em seu livro *Evolução urbana no Brasil*, tendo esse número aumentado para 28 no século XVII. Para citar um exemplo, podemos destacar a cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos (atualmente, apenas Salvador), a qual foi fundada em 1549, e em 1583, quando Fernão Cardim percorria a costa brasileira, já tinha uma população considerável para a época: três mil portugueses, oito mil índios cristãos e três ou quatro mil escravos.

Atuais formações urbanísticas

A cidade na qual vivemos, salvo exceções nas regiões mais novas, não apareceu no momento em que nascemos, mas já tinha uma história e certamente continuará a existir quando morrermos, porque seja ela pequena ou grande, localizada no Brasil ou na Europa, originada neste século ou no século XVII, permanece através de suas formas e suas contradições.

A paisagem da cidade pode ser observada nas formas que são ruas, moradias, edifícios, topografia, etc. que se expressam diferenciadamente.

Assim, as cidades existem em todo o mundo e se apresentam em diferentes tamanhos, mas nenhuma é igual à outra: cada uma delas tem a sua história; contém sua própria identidade, marcada por diferenças e semelhanças em relação a outras cidades; existem as pessoas que lá moram; etc.

Se formos observar uma cidade atentamente, veremos que há sempre a pavimentação de ruas, a construção de muros, de pontes, viadutos, praças, etc. A compra do material para essas obras custa dinheiro. Esse dinheiro provém da arrecadação pública, ou seja, dos impostos cobrados aos cidadãos, como por exemplo o IPTU (imposto predial e territorial urbano). Esse e outros impostos vão carreando para a Prefeitura Municipal o dinheiro que, administrado pelo prefeito e pelos vereadores, vai pagar os salários dos funcionários municipais e financiar os investimentos em obras públicas.

Os traçados das ruas e avenidas podem viajar de acordo com a topografia do terreno e com a concepção urbanística de quem as desenha. Em terrenos com inclinação (vertente de uma colina, por exemplo) as ruas, para não apresentarem declives muito acentuados, vão acompanhando, em forma de ziguezague, a mudança de altitude, apresentando um traçado tortuoso. Em áreas planas, o traçado quadriculado, é muito comum. Outras vezes, em qualquer tipo de terreno, para inibir a circulação de veículos em altas velocidades, o traçado mostra ruas desencontradas, de pequena extensão, ou mesmo várias ruas sem saída

Origem da urbanização no estado da Paraíba

A Paraíba surge de um aglomerado urbano localizado às margens do Rio Sanhauá; antes de ser engenho, é cidade. Mesmo que, durante mais de quatrocentos anos, tenha se mantido com uma paisagem quase inalterada, é na cidade que o Estado se instala, é na cidade que as ordens religiosas mantêm suas sedes, é na cidade que os grandes comerciantes fundam suas matrizes; é através desta cidade que entram e saem da terra as coisas e as gentes. E o mesmo aconteceu com outros aglomerados urbanos ao longo do litoral, nos agrestes e sertões da região. Povoados, vilas, cidades que surgem nas trilhas do gado, do algodão, do sisal, da mineração, da ferrovia. Surgem na história, mas ainda não se tornaram objeto relevante para a história.

Em 1585 foi fundada a cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, às margens do Rio Sanhauá, afluente do Rio Paraíba. Logo em seguida fundou-se o Engenho Real (1587) às margens do Rio Tibiri, dando início à plantação canavieira.

Durante o meio século seguinte (de 1585 a 1634) se processou a consolidação do povoamento na porção litorânea do território paraibano.

O Sertão e o Agreste foram ocupados em função do desenvolvimento de uma atividade econômica surgida na área açucareira: a criação do gado que logo se estendeu em direção ao interior.

Quanto à parte central do território paraibano, a do Planalto da Borborema, começou a ser explorada na década de 1660, como prova a concessão das primeiras sesmarias.

Referências

GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J. ; RABAY, G. **A questão urbana na Paraíba**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, v. 1.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 2010,

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1989.

6.2 PLANOS DE AULA

Plano de Aula 01

1. Plano de Aula: 06/11/2017
2. Dados de Identificação: Escola: Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho Professor (a): Edson Morais Professor (a) estagiário (a): Lázaro Soares dos Santos Júnior Disciplina: Geografia Série: 1º Ensino Médio Turma: A Período: 4º bimestre
3. Tema: Urbanização
4. Objetivos: Geral: Compreensão sobre o início do processo de urbanização entre as civilizações, do atual modelo urbanístico das cidades e da instalação desse fenômeno na Paraíba. Específicos: Relacionar conteúdo com o atual cenário urbanístico de cada bairro do aluno.
5. Conteúdo: - Início do processo de Urbanização nas primeiras civilizações - Atuais formações urbanísticas - Origem da urbanização no estado da Paraíba
6. Desenvolvimento do tema: Aula expositiva e após debate com a turma.
7. Recursos didáticos: Apostila, quadro branco e lápis piloto.
8. Avaliação: Discussão do conteúdo após ministração, e aplicação da elaboração de um pequeno texto sobre a paisagem urbana em que cada aluno reside, para fins de discussão na próxima aula levando em consideração o conteúdo ministrado.
9. Bibliografia: GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J. ; RABAY, G. A questão urbana na Paraíba. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, v. 1. SPÓSITO, Eliseu Savério. A vida nas cidades. São Paulo: Contexto, 2010, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1989.

Plano de Aula 02

1. Plano de Aula: 13/11/2017
2. Dados de Identificação: Escola: Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho Professor (a): Edson Moraes Professor (a) estagiário (a): Lázaro Soares dos Santos Júnior Disciplina: Geografia Série: 1º Ensino Médio Turma: A Período: 4º bimestre
3. Tema: Urbanização
4. Objetivos: Geral: Compreensão do fenômeno da urbanização desde seus primeiros indícios até sua chegada a Paraíba. Específicos: Relacionar conteúdo com o atual cenário urbanístico em que cada aluno convive.
5. Conteúdo: - Início do processo de Urbanização nas primeiras civilizações - Atuais formações urbanísticas - Origem da urbanização no estado da Paraíba
6. Desenvolvimento do tema: Discussão com os alunos sobre seus espaços Urbanísticos, e em seguida revisão do tema da aula.
7. Recursos didáticos: Apostila, quadro branco e lápis piloto.
8. Avaliação: Como atividade busca-se desenvolver na próxima aula uma discussão Sobre o conteúdo abordando as características urbanas de Sapé.
9. Bibliografia: GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J. ; RABAY, G. A questão urbana na Paraíba. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, v. 1. SPÓSITO, Eliseu Savério. A vida nas cidades. São Paulo: Contexto, 2010, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1989.

Plano de Aula 03

1. Plano de Aula: 20/11/2017
2. Dados de Identificação: Escola: Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho Professor (a): Edson Morais Professor (a) estagiário (a): Lázaro Soares dos Santos Júnior Disciplina: Geografia Série: 1º Ensino Médio Turma: A Período: 4º bimestre
3. Tema: Urbanização
4. Objetivos: Geral: Compreensão do fenômeno da urbanização desde seus primeiros indícios até sua chegada a Paraíba. Compreensão do fenômeno da urbanização na cidade de Sapé-PB. Específicos: Relacionar conteúdo com o atual cenário urbanístico em que cada aluno convive.
5. Conteúdo: <ul style="list-style-type: none"> - Início do processo de Urbanização nas primeiras civilizações - Atuais formações urbanísticas - Origem da urbanização no estado da Paraíba
6. Desenvolvimento do tema: Divisão da turma em equipes onde cada uma ficará responsável pela produção de uma pequena maquete sobre uma rua ou bairro onde reside; Debate de acordo com o conteúdo ministrado, abordando a temática dentro do município de Sapé.
7. Recursos didáticos: Apostila, quadro branco e lápis piloto.
8. Avaliação: Como avaliação final busca-se a formação de equipes com a turma, onde cada equipe representará um bairro da cidade e ficará responsável pela produção da maquete de uma rua ou ponto específico do bairro, para aprofundamento da temática.
9. Bibliografia: GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J. ; RABAY, G. A questão urbana na Paraíba. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, v. 1. SPÓSITO, Eliseu Savério. A vida nas cidades. São Paulo: Contexto, 2010, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1989.

Plano de Aula 04

1. Plano de Aula: 27/11/2017
2. Dados de Identificação: Escola: Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho Professor (a): Edson Morais Professor (a) estagiário (a): Lázaro Soares dos Santos Júnior Disciplina: Geografia Série: 1º Ensino Médio Turma: A Período: 4º bimestre
3. Tema: Urbanização
4. Objetivos: Geral: Compreensão do fenômeno da urbanização desde seus primeiros indícios até sua chegada a Paraíba. Compreensão do fenômeno da urbanização na cidade de Sapé-PB. Específicos: Relacionar conteúdo com o atual cenário urbanístico em que cada aluno convive.
5. Conteúdo: <ul style="list-style-type: none"> - Início do processo de Urbanização nas primeiras civilizações - Atuais formações urbanísticas - Origem da urbanização no estado da Paraíba
6. Desenvolvimento do tema: Análise de cada maquete por grupo e debate sobre os Fenômeno urbano nos bairros trabalhados nas maquetes.
7. Recursos didáticos: Apostila, quadro branco e lápis piloto.
8. Avaliação: Avaliação de cada maquete produzida.
9. Bibliografia: GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J. ; RABAY, G. A questão urbana na Paraíba. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, v. 1. SPÓSITO, Eliseu Savério. A vida nas cidades. São Paulo: Contexto, 2010, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1989.

Plano de Aula 05

<p>1. Plano de Aula: 04/12/2017</p>
<p>2. Dados de Identificação: Escola: Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho Professor (a): Edson Morais Professor (a) estagiário (a): Lázaro Soares dos Santos Júnior Disciplina: Geografia Série: 1º Ensino Médio Turma: A Período: 4º bimestre</p>
<p>3. Tema: Urbanização</p>
<p>4. Objetivos: Geral: Compreensão do fenômeno da urbanização desde seus primeiros indícios até sua chegada a Paraíba. Compreensão do fenômeno da urbanização na cidade de Sapé-PB. Específicos: Relacionar conteúdo com o atual cenário urbanístico em que cada aluno convive.</p>
<p>5. Conteúdo: - Início do processo de Urbanização nas primeiras civilizações - Atuais formações urbanísticas - Origem da urbanização no estado da Paraíba</p>
<p>6. Desenvolvimento do tema: Análise da última maquete apresentada pelo grupo e debate sobre o fenômeno urbano no bairro trabalhado.</p>
<p>7. Recursos didáticos: Apostila, quadro branco e lápis piloto.</p>
<p>8. Avaliação: Avaliação de cada maquete produzida.</p>
<p>9. Bibliografia: GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J. ; RABAY, G. A questão urbana na Paraíba. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, v. 1. SPÓSITO, Eliseu Savério. A vida nas cidades. São Paulo: Contexto, 2010, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1989.</p>